

**OS FIOS DISCURSIVOS NA REDE DAS
MEMÓRIAS DE ROSA AMBRÓSIO: BREVE
ANÁLISE DA MEMÓRIA DISCURSIVA ENQUANTO
INSTAURAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIAS**

*Ismael Ferreira ROSA**

Todo discurso manifesto reside secretamente em um já dito; mas esse já dito não é simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, um escrita que não passa do vazio de seu próprio traço (FOUCAULT)

A disciplina Análise do Discurso (AD) tem sido um campo fértil de pesquisa em que se têm produzido inúmeros trabalhos. Foi encetada por Michel Pêcheux (1938-1983), um filósofo francês, por meio do texto *Analyse Automatique du Discours*, publicado em 1969, que propunha um campo de interfaces da/na linguagem – a AD – que, apoiada no tripé Lingüística-Marxismo-Psicanálise, alvitrava uma concepção sociohistórica e ideológica para a linguagem.

A Análise do Discurso nasceu, assim, da conjuntura dessas três tendências teóricas, nas quais há em comum o predomínio do exterior sobre o individual. Para a lingüística estruturalista, construída a partir dos trabalhos de Saussure, os falantes submetem-se ao sistema lingüístico; na psicanálise de Lacan, o “eu” aparece descentrado, dividido e

* Mestrando em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia e membro do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso de Uberlândia (GPAD).

o inconsciente aparece como determinante; para o marxismo, contrário à concepção cartesiana de que o sujeito é livre, dono de sua vontade, o sujeito é determinado/assujeitado pelas condições materiais e pela ideologia.

Analyse Automatique du Discours, considerada como o marco inicial dessa disciplina, originou-se a partir de questionamentos sobre a concepção lingüística de Saussure, principalmente a questão do *corte saussuriano*, em que a língua era o objeto visto como um sistema regular sobre o qual as influências externas não exerciam influxos. Isto é, a língua não era apreendida na sua interação com o mundo, mas na estrutura de um sistema encerrado em si mesmo. E contrapondo-se à essa ótica estruturalista, Michel Pêcheux propõe a análise não de um sistema de signos ou um sistema de regras formais estático-regular, mas sim da língua significando, constituída na relação homem e história.

Dessa forma, o filósofo francês institui um outro objeto – o discurso – que, conforme aduz Orlandi (1999, p. 15) “etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, é o lugar da relação língua/ideologia, homem/história, em que se concebe a linguagem como produção de sentidos por e para os sujeitos.

Sendo assim, Pêcheux, instituindo o objeto da AD, sugere que se deve analisar não a materialidade lingüística (sistema de signos), mas as condições de possibilidades do discurso, pois uma apreciação na perspectiva estrutural “não dá conta dos efeitos seqüenciais ligados à discursividade” (PÊCHEUX, 1993, p. 74).

Nessa perspectiva, é necessário que se considerem as circunstâncias em que se produz um discurso, já que este é resultado da interação língua/ideologia, homem/história,

ou seja, o exterior/meio exerce influência sobre a produção discursiva. Segundo Pêcheux (1993, p. 75) é necessário “o estudo da ligação entre as ‘circunstâncias’ de um discurso – que chamaremos daqui por diante suas *condições de produção* – e seu processo de produção” (Grifos do autor), haja vista que um discurso “é sempre pronunciado a partir de condições de produções” (*op. cit.*, p. 77), que são os aspectos sociohistóricos e ideológicos que abarcam um dito ou possibilitam sua enunciação.

Destarte, tomar a palavra sob os moldes da discursividade, implica abordar e analisar um texto, um enunciado em um contexto assaz complexo em que se pondera os sujeitos interlocutores, a situação de produção enunciativa e a própria ideologia constitutiva dos sujeitos. Assim, o texto na ótica da AD não é concebido sob hipótese alguma como transparente, pois conforme Pêcheux (1999, p. 53) no campo do discurso não vamos encontrar transparência, mas opacidade e movência de sentidos. Os discursos funcionam sob o *efeito de opacidade*.

Portanto, ao nos propormos a analisar uma materialidade lingüística do ponto de vista discursivo, devemos dilapidar as significações apriorísticas e nos deter nos sentidos em construção na opacidade do discurso. E quando falamos em dilapidar as significações não estamos simplesmente sugerindo uma recusa ou abandono do semântico, mas alvitramos uma re-significância da significação, pensando a semântica no contexto teórico-metodológico da AD, na interface com a ideologia, com o discurso, com o inconsciente e sugerindo o termo *significância*, em detrimento do vocábulo *significado* como composição morfemática que reforça e concebe significados como efeitos de um processo discursivo, significados em construção; diferentemente de *significado* que geralmente instaura uma idéia de algo acabado e alcançado no interior das próprias palavras ou na relação destas com outros termos

morfológicos. Por conseguinte, significância é o processo sentidural dos discursos balizado pela posição ideológica no crivo das condições de produção, atravessado pela memória discursiva.

Sendo assim, entendemos que as significações são instauradas na relação com a *memória discursiva*, que segundo Pêcheux (1999, p. 52) “seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mas tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de quem sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Elas não são fixas, eternas e nem estáticas, mas irrompem, se desconstróem, se fragmentam, se transmutam na relação com as condições de produção, na relação com todos os dizeres que as antecedem e daí dizermos da estreita relação entre as significações e a memória discursiva.

Nesse sentido, a memória discursiva constitui-se como recorrência de enunciados que, na ordem do discurso, os apaga ou os fazem surgir, podendo (re) aparecerem atualizados no discurso e/ou rejeitados em um novo contexto discursivo. Isto é, a noção de memória estabelece duplamente uma função discursiva, na medida em que retoma o passado e concomitante o elide por meio de *apagamentos* e *silenciamentos*, irrompendo na atualidade do acontecimento discursivo e instituindo determinados efeitos de sentidos. Com isso, a memória discursiva permite na infinita rede de formulações a recorrência, a anulação ou a queda de enunciados pertencentes a formações discursivas posicionadas historicamente (COURTINE, 1999, p. 16).

Desta feita, os sentidos são produzidos por meio de inscrição de dados discursivos em dadas formações discursivas, ou seja, a significância de um discurso decorre de sua inscrição e pertencimento a uma dada formação

discursiva constituída historicamente, que independe da vontade do sujeito enunciador.

De acordo com Orlandi (1999, p. 45)

a evidência do sentido, que na realidade é um efeito ideológico, não nos deixa perceber seu caráter material, a historicidade de sua construção. Do mesmo modo podemos dizer que a evidência do sujeito, ou melhor, sua identidade (o fato de que ‘eu’ sou ‘eu’), apaga o fato de que ele resulta de uma identificação: o sujeito se constitui por uma interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva.

Dessa forma, evidencia-se a idéia teórico-conceitual de *incompletude* dos discursos, dos sujeitos que são constituídos/construídos na relação com o outro. Os sujeitos, os sentidos e os discursos nunca estão completos ou acabados, a *incompletude* é uma condição e característica da linguagem.

Na verdade, o mecanismo de funcionamento do discurso instaura-se constitutivamente em *formações imaginárias*, ou melhor, numa “série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1993a, p. 82) e por isso “o orador (experimenta) de certa maneira o lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva, se ele sabe prever, em tempo hábil onde este ouvinte o ‘espera’” (*op. cit.*, p. 77)

Nas formulações teórico-científicas da AD, o sujeito é crivado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, concebido dessemelhantemente do sujeito cartesiano livre e dominador de suas vontades, mas um sujeito descentrado, cindido, interpelado pelas condições de produção discursiva, dinâmico e interativo, constituído na interação social,

situando seus discursos em relação aos discursos do outro. E esse outro envolve tanto o sujeito destinatário da mensagem (nível em que se projeta, se ajusta a fala em relação ao sujeito ouvinte, ou seja, o nível intradiscursivo) como também envolve a relação com outros discursos já existentes e constituídos historicamente que permeiam a fala do sujeito enunciador, ou seja, o nível interdiscursivo.

Por isso que se refuta, no campo da discursividade, a concepção de sujeito uno, central e origem da essência sentidural, porque nos enunciados de um sujeito outras vozes, outros discursos irrompem. De fato, o que se observa (PÊCHEUX, 1995) é uma ilusão do sujeito falante que se vê como a fonte, a origem do seu discurso (*esquecimento n° 1*) e como o mestre e dominador do seu dizer (*esquecimento n° 2*), ilusões essas que são estruturantes, pois são incisivas para a existência de sentidos e sujeitos e necessárias para que a linguagem funcione nas produções sentidurais e nos sujeitos.

Já que esses mecanismos de funcionamento do discurso se repousam em formações imaginárias, não são os sujeitos físicos ou os seus lugares socioespaciais nos quais esses sujeitos estão inscritos que poderiam ser descritos no funcionamento discursivo, mas as imagens resultantes de suas projeções (as formações imaginárias) que permitem a passagem de situações empíricas para as posições ocupadas pelos sujeitos no discurso.

O que existe no discurso é uma *forma-sujeito*

pela qual o ‘sujeito do discurso’ se identifica com a formação discursiva que o constitui [e] que tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que interdiscurso aparece como o puro ‘já-dito’ do intradiscurso, no qual ele se articula por ‘co-referência’ (PÊCHEUX, 1995, p. 167)

Desse modo, compreende-se que o interdiscurso se liga intimamente à memória discursiva, pois esta, se configurando como o saber discursivo que antecede discursos – o já-dito –, figura-se como instauradora de *interdiscursividade*, ou seja, evidencia na rede discursiva, discursos outros que a atravessam, irrompe a relação entre discursos, discursos esses que a forma-sujeito “a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura” (*op.cit.*) incorpora-dissimula.

Nesse sentido, pensando a linguagem discursivamente, o que ocorre é que a memória instaura, constitui o interdiscurso que é incorporado-dissimulado pela forma-sujeito no intradiscurso, nível em que

o autocomentário pelo qual o discurso do sujeito se desenvolve e se sustenta sobre si mesmo [...] é um caso particular dos fenômenos de paráfrase e de reformulação constitutivos de uma formação discursiva dada, na qual os sujeitos por ela dominados se reconhecem entre si como espelhos uns dos outros: o que significa dizer que a coincidência (que é também convivência – e mesmo, cumplicidade) do sujeito consigo mesmo se estabelece pelo mesmo movimento entre os sujeitos, segundo a modalidade do ‘como se’ (como se eu falo estivesse no lugar onde alguém me escuta), modalidade na qual a ‘incorporação’ dos elementos do interdiscurso [...] pode se dar até o ponto de confundi-los, de modo a não haver mais demarcação entre o que é dito e aquilo a propósito do que isso é dito. Essa modalidade, que é a da ficção, representa por assim dizer, a forma idealista pura da forma-sujeito sob suas diversas formas, da “reportagem, à “literatura” e ao pensamento criador. (PÉCHEUX, 1995, p. 167-168)

Consequentemente, na modalidade ficcional a linha demarcatória entre o interdiscurso e o intradiscurso se torna

muito tênue e é nesse campo em que se encontra a legítima figura idealista da forma-sujeito.

Embasados nessa discussão teórica sobre memória discursiva enquanto instauradora de interdiscursividade que é acionada e mascarada no intradiscurso, propomos uma breve análise de recortes da materialidade lingüística do romance *As Horas Nuas* escrito pela autora sem par da contemporaneidade Lygia Fagundes Telles situado na modalidade da ficção, na qual nos deteremos nas formas-sujeitos literárias dos narradores enquanto simuladoras do interdiscurso, agenciado pela memória discursiva, no intradiscurso.

Para tanto, seguiremos as balizas conceptuais da AD de linha francesa propostas por Pêcheux (1990; 1993; 1995; 1999; 2006) e Achard (1995): as noções de *memória discursiva*, *interdiscurso*, *intradiscurso* e *sujeito*, balizas estas que nos permitirão apreender as significâncias discursivas.

As Horas Nuas, publicado em 1989, é um livro que, a exemplos de outras obras tellianas, não possui nem um começo e nem um fim definido. Manifesta enigmas da condição humana como a loucura, o amor, a morte. Rosa Ambrósio – uma excêntrica e decadente atriz que faz um balanço da sua vida em meio ao álcool e à solidão, medíocre, mãe egoísta, dona-de-casa descuidada – é uma alcoólatra que atravessa a linha que separa a loucura da lucidez, sofrendo da PMD (psicose maníaco-depressiva), tendo seus sonhos e devaneios misturados aos do gato Rahul (seu felino de estimação) e alinhavados na voz da empregada Dionísia e de um narrador em 3ª terceira pessoa. Na verdade, essa obra são as memórias de Rosa Ambrósio, figurando-se como uma das mais inovadoras em relação às outras obras que Telles produziu, justamente pelo fato de serem memórias escritas de forma inusitada, pois não são contadas somente pela pessoa da qual se trata, como canonicamente costumam se

apresentar, mas contada sob vários pontos de vista e por vários narradores.

Destarte, esse nosso *corpus* de análise é constituído por vários narradores que doravante não entenderemos como simples “pessoas” que narram, mas como formas-sujeitos narradores (*FSj-Nar*) que através de enunciados inscrevem-se em discursos, incorporando discursos outros antecedentes fundados no saber discursivo, no já-dito (memória discursiva) e ajustando/projetando seus enunciados em relação aos seus sujeitos-destinatários, ou seja, acoplando o nível interdiscursivo ao nível intradiscursivo, acoplagem esta que estabelece significâncias que de agora em diante serão analisadas e interpretadas sob o crivo da discursividade.

Para promover uma forma teórica-operacional da significância enquanto processo sentidural discursivo, equacionamos as balizas conceptuais da seguinte maneira:

$$S_{gcia} = CPs^{(Sc + Id + Hi)} + PS^{(FSj + FS.FI + FD)} \\ I_{td}^{MD}$$

1

S_{gcia} = significância

CPs = condições de produção

Sc = social

Id = ideológico

Hi = histórico

PS = posição-sujeito

FSj = forma-sujeito

FS = formação social

FI = formação ideológica

FD = formação discursiva

I_{td} = interdiscurso

I_{tr} = intradiscorso

MD = memória discursiva

O conceito de *significância* (Sgcia) norteia a instauração de significações inscritas em um discurso na medida em que se considera as *condições de produção* (CPs) nas quais esse discurso é produzido, atravessadas pelo *social* (Sc), pelo *ideológico* (Id) e pelo *histórico* (Hi), ou seja, o contexto sociohistórico e ideológico na interface com a *posição-sujeito* (PS), os lugares que a *forma-sujeito* (FSj) – pois a tomada de posição, conforme Pêcheux (1995, p. 171-72), não pode ser concebida de forma alguma como ato oriundo do sujeito-falante, mas como efeito do interdiscurso na forma-sujeito – ocupa na estrutura de uma *formação social* (FS), estando esta atravessada pelas forças de um complexo de atos e de representações ideológicas constituintes e constitutivas de posições sociais, isto é, intervinda por *formações ideológicas* (FI) inscrevendo-se em dada(s) *formação(s) discursiva(s)* (FD), a determinante do que pode e deve ser dito em uma posição numa dada conjuntura sociohistórica.

Além da posição-sujeito agenciada pela forma-sujeito inscrita em uma formação social crivada por formações ideológicas e circunscrita a dada(s) formação(s) discursiva(s), as CPs também estão na interface com o *interdiscurso* (ItD), na relação com discursos outros instaurados pela *memória discursiva* (MD), pelo saber discursivo, o já-dito que antecede o sujeito-falante que, identificando-se com a FD que o constitui – sob a forma-sujeito – retoma elementos do interdiscurso incorporando/dissimulando-os no *intradiscurso* (ItR), nível do “funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora) com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois; portanto o conjunto dos fenômenos de ‘co-referência que garantem o que se pode chamar o ‘fio do discurso’, enquanto discurso de um sujeito” (PÊCHEUX, 1995, p. 116).

Logo, um discurso significa a partir do contexto sociohistórico e ideológico em que emerge sua enunciação na relação com o elemento imaginário que figura no processo discursivo os lugares ocupados pelo sujeito na estrutura de uma formação social atravessada por FIs e FDs e com o já-dito sob forma de discursos outros acionados/mascarados no fio do discurso desse sujeito.

Pensando os recortes que faremos da obra *As Horas Nuas* enquanto o intradiscurso de Rosa Ambrósio, procederemos doravante à análise discursiva.

Como o intradiscurso é o nível que garante o fio de um discurso, o que fica em evidência é a formulação do discurso a partir da realidade presente que nessa obra são as memórias da atriz alcoólatra que não está mais no palco, conforme diz sua FSj-Nar “Sou uma atriz decadente...” (AHN², p. 19) que não tem ninguém mais ao seu lado, exceto a companhia do gato Rahul e da empregada negra Dionísia, pois seu marido morreu e seu amante foi embora, e sua única filha a deixou para viver libertinamente com homens mais velhos, sendo, portanto, essa a realidade presente de Rosa Ambrósio e que será a partir dela, na própria voz de sua FSj-Nar, que “[escreverei] as minhas memórias, tudo quanto é perna-de-pau já escreveu as suas, por que não eu? Hem?!... *As Horas Nuas*, você aprovou o título, também eu nua sem tremor e sem temor” (*op.cit.*, p. 38), ficando-nos claro o processo de relação imaginárias que se estenderá ao longo dessa narrativa memorialista, pois a FSj-Nar atribui um lugar a si mesma e ao sujeito-leitor, transparecendo a imagem que ela faz do seu lugar (narrador de suas próprias memórias) e do lugar do outro (leitor/ouvinte) e apresentando sua disposição de imaginar, preceder o seu interlocutor, conforme observamos no

² TELLES, L. F. *As Horas Nuas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

parágrafo citado, em que a FSj-Nar imagina/antecipa que os leitores aprovarão o título de suas memórias.

Dessa forma, são essas formações imaginárias que permitem a passagem das situações empíricas, que nesse caso seria uma atriz não atuante que se tornou alcoólatra e depressiva por se sentir solitária e velha, para as posições dos sujeitos no discurso (a posição sujeito-narrador, posição sujeito-feminista³, posição sujeito-machista⁴, para citar três) instaurada pela forma-sujeito que no discurso literário (PÉCHEUX, 1995, p. 167-68) encontra-se em sua forma idealista pura em nome da “ideologia estética da ‘criação’ e recriação pela leitura” (*op.cit.*, p. 169).

Nesse sentido, a forma-sujeito apresenta um caráter de idealismo espontâneo (*op.cit.*, p. 167) na medida em que,

³ Entendemos por posição sujeito-feminista, nesta análise, o posicionamento em que a forma-sujeito literária se inscreve no sentido de valorizar a igualdade entre homens e mulheres, às vezes sobrepujando estas àqueles, conforme notamos nas palavras da forma-sujeito narradora Rahul que apresenta a posição da forma-sujeito Ananta Medrado (a analista de Rosa Ambrósio): “Acredita Ananta Medrado que elas [mulheres] serão as únicas capazes de salvar esta vida sem qualidade. Este mundo” (*op. cit.*, p. 131), através das quais avulta-se a supervalorização da mulher.

⁴ Já a posição sujeito-machista é quando a forma-sujeito literária se posiciona de modo a valorizar o homem enquanto líder em todos sentidos, desde liderança familiar até liderança da sociedade, sendo por isso superior à mulher. E essa posição se observa, por exemplo, na voz da forma-sujeito narradora Rosa Ambrósio: “Então [a mulher] ficou insuportável como os mais insuportáveis machões, já prestou atenção numa mulher dirigindo? Nunca aprendi a dirigir mas sei que se comportam mal, ficam arrogantes, é ver chofer de caminhão no fim da viagem. Gostam de guiar bem no meio da rua, nem na esquerda nem na direita mas no meio dos outros carros...” (*op. cit.*, p. 122), passando-nos a impressão de só homens dirigem bem, porque as mulheres são exibicionistas, conduzindo o automóvel pelo meio da rua.

identificando-se com uma FD, tende a absorver-esquecer discursos outros instaurados pela memória discursiva no intradiscurso, conforme observamos no excerto abaixo:

A rua suja, o teatro sujo. A televisão. Começaram agora a usar crianças nos anúncios de máquinas, sorvetes, refrigerantes. As menininhas fazendo gestos esgares sensuais de putas. Não tenho nada contra as putas mas não é um exagero tanta lição de putaria? O reino da vulgaridade. Nem quinze anos tinha Cordélia, nem quinze anos! e já começou a sair com a homenzarrada. Tudo velho. O sexo livre, abaixo as calcinhas! O louco livre, abaixo as grades! Aceito, nenhuma censura, longe de mim, hem?! Sou uma artista. Meu nome é Liberdade! bradei numa peça com a roupa da própria. Mas tenho uma modesta pergunta a fazer, será conveniente que a loucura e o sexo, fiquem assim soltos na praça? O adolescente sem estrutura, o velho sem estrutura, o povo inteiro, meu Pai. O país da imaturidade. Gregório me olhava como se olha uma criança doente, lamentando mas mantendo uma certa distância, não interferia. Diogo interferiu até demais, dava opinião em tudo, me agredia sem a menor cerimônia, Sua puritana, sua reacionária!(AHN, p. 18).

No trecho citado, a FSj-Nar inscrevendo-se em uma FD que chamaremos de conservadora⁵ em detrimento de uma FD libertina⁶, retoma discursos antecedentes: “a mídia

⁵ Proporemos o termo FD conservadora para designar a determinante que norteia o que pode e deve ser dito pelo sujeito na posição de conservador, que não admite a libertinagem (luxúria, volúpia e sexualidade) iniciada nos finais dos anos 60 e início dos anos 70 que se estendeu ao longo dos anos 80 no Brasil e por isso olha com saudade o seu passado de conservadorismo e preservação dos valores morais.

⁶ Chamamos FD libertina, os nortes através dos quais uma posição-sujeito enaltece a liberdade, a ponto de não incorrer ou se esbarrar em limites, sejam de morais ou de conduta.

oitentina impulsionou anúncios que exploram a sensualidade”, “a televisão, o teatro, enfim o contexto se tornaram vulgares”, “ a mídia está propalando lições de sexualidade”, discursos esses que são agenciados pela memória discursiva, pois se configuram como já-ditos que são incorporados pela FSj-Nar no intradiscurso. Sendo assim, trazendo elementos da FD libertina, a forma-sujeito se inscreve na FD conservadora (fato observado pela forma-sujeito personagem Diogo que a acusa de puritana, reacionária), acionando e mascarando elementos do interdiscurso no nível intradiscursivo, se posiciona contrariamente a esses elementos, dissimulando a interdiscursividade: “Não tenho nada contra as putas mas não é um exagero tanta lição de putaria? O reino da vulgaridade.”. Enunciando essa proposição, a FSj-Nar mascara o elemento “A mídia exagera na sensualidade” que faz parte da memória discursiva enquanto um elemento do saber discursivo que se faz corrente na estirpe social moralizadora, na sentença em 1ª pessoa “Não tenho nada contra as putas” interligada à interrogação adversativa “mas não é um exagero tanta lição de putaria?”, dando-nos a ilusão de que esse dito provém originalmente da FSj-Nar.

E com esse mascaramento, a FSj-Nar, posicionando-se na FD conservadora e sendo crivada por influxos da CPs em que sua inscrição discursiva se dá/se configura – anos 80⁷ – estabelece significâncias, por exemplo, do termo

⁷ Época que foi rica na história do Brasil e do mundo – embora se considere como uma década perdida para a América Latina – por conta do maior avanço tecnológico em especial na área da informática e de grandes acontecimentos como: queda do muro de Berlim, que unificou as duas Alemanhas Ocidental e Oriental, no Brasil: o fim da ditadura militar e a passagem à democracia, a chegada dos exilados no exterior, a campanha das Diretas Já, o plano cruzado, o impulso do estilo rock nacional e internacional figurando um cenário de produção musical riquíssimo e a

sujo/suja. Esse termo usado no início do excerto reforça a posição “conservantista” da FSj-Nar, que inscrita na FD conservadora, uma das determinantes da década de 80, momento em que se eclodiu um novo outro conservadorismo em relação ao sexo decorrente da pandemia de Aids deflagrada nessa época, repudia a forma pela qual o teatro, a mídia televisiva e a sociedade trata o sexo. E dizemos sociedade, porque “rua suja” não pode ser entendida enquanto uma situação empírica, mas uma situação discursiva instaurada pelo termo *rua* (os transeuntes que passam por ela), ou seja, pessoas que fazem parte da sociedade que se tornam “sujas” por explorar/conluir o sexo livre e a sensualidade e até por aceitarem o fato de “usar crianças nos anúncios de máquinas, sorvetes, refrigerantes. As meninhas fazendo gestos esgares sensuais de putas”.

Com isso, FSj-Nar Rosa Ambrósio se indigna e considera, no seu intradiscurso, a idéia corrente no interdiscurso da época oitentina, o mundo (mídia e sociedade) como “O reino da vulgaridade” e como prova disso é o fato de sua filha Cordélia que ainda nem tinha quinze anos completos começou a sair com homens mais velhos e praticar “O sexo livre, abaixo as calcinhas”. E por isso, respaldada em elementos interdiscursivos correntes nos anos 80 da associação sexo/loucura (pois foi o sexo livre, libertino, sem limites, imprudente, “louco” que eclodiu a pandemia da Aids), a forma-sujeito da atriz narradora faz a aproximação-trocadilho “O sexo livre, abaixo as calcinhas! O louco livre, abaixo as grades!” e questiona, fazendo uma “modesta pergunta... será conveniente que a loucura e o

sociedade que imergiu profundamente em questões sociais passando as pessoas a questionar seus próprios valores – segundo o site www.clubeanos80.com.br, especializado nos acontecimentos dessa época, “Foi a época do existencialismo”.

sexo, fiquem assim soltos na praça?”, demonstrando novamente sua posição conservadora!

E são interessantes as palavras que se seguem nesse trecho extraído de *As Horas Nuas*: “O adolescente sem estrutura, o velho sem estrutura, o povo inteiro, meu Pai. O país da imaturidade” em que a FSj-Nar, dissimulando outra vez já-ditos “o sexo livre, libertino, sem limites, imprudente e por isso imaturo”, associa sexualidade libertina à imaturidade, pois todos (adolescentes ou velhos) estão “sem estruturas”, formando um “país da imaturidade”.

Sendo um país da imaturidade, Rosa Ambrósio circunscrevendo-se à FD conservadora, ou melhor, se identificando, retoma o passado com saudosismo, pois era uma época de extrema moralidade:

Seria bom se existissem ainda os mosteiros dos antigos monges velhinhos com suas bibliotecas insondáveis. As alquimias. Os mistérios. As freiras mais dissimuladas do que os monges encobrando os segredos na terra da horta. Debaixo das margaridinhas do jardim. As históricas levitavam amparadas por anjos, a garganta lanhada de tanta ladainha, os joelhos ulcerados nas penitências. *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi: dona nobis pacem.* (*op. cit.*, p. 37)

e, por isso diz que seria bom se ainda existissem elementos do passado como os mosteiros, símbolo de consagração, pureza e moral.

Com essa breve análise de excertos dos fios do discurso no qual se inscrevem as memórias de Rosa Ambrósio, e longe de esgotarmos as possibilidades de análise, mostramos, ainda que superficialmente, por qual processo de significação um enunciado passa e quais são os aspectos que determinam esse processo. Então, significância foi o termo que propusemos para tal procedimento, em que não se busca significados, mas sua construção, o processo

sentidural de inscrições discursivas que é crivado pelas condições produções, pela posição-sujeito, por discursos outros (interdiscurso), atravessados pela memória discursiva, pelo já-dito, os quais conjuntamente influenciam o intradiscurso instaurando polissemias, significâncias, estabelecendo o jamais-dito, conforme nossa epígrafe, palavras citadas de Foucault, “um discurso é sempre um já-dito, mas ao mesmo tempo é um jamais-dito”!

Sendo assim, *As Horas Nuas*, uma manifestação enunciativa do discurso literário que apresenta as memórias de uma atriz alcoólatra e irônica atravessadas por várias formas-sujeitos narradores e personagens que, metadiscursivamente, inclui em seus fios discursivos o sujeito-leitor, mostra de forma inusitada e intrigante a retomada/dissimulação interdiscursiva instaurada pela memória discursiva e crivada pelas CPs, criando um jamais-dito peculiar, uma inscrição discursiva estético-memorialista transpassada por posições ideológicas que estavam em jogo no processo sociohistórico dos anos 80 e por isso a relevância de ser lido e analisado sob o crivo da discursividade.

Referências bibliográficas

- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-17.
- COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F. ; FERREIRA, M. C. L (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999. p. 15-22.
- FOUCAULT, M. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: _____. **Ditos e Escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 82-118.

_____. Retornar à História. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 282-295.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993a. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993b.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993c.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

TELLES, Lygia Fagundes. **As Horas Nuas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.